



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

O COREOCARTÓGRAFO É, ANTES DE TUDO, UM ANTROPÓFAGO EM EXPERIÊNCIAS FAMILIARES

Juanielson Alves Silva

Doutorando do Programa de Pós-graduação em Artes da UFGA

INTRODUÇÃO:

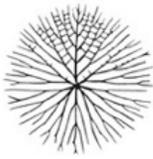
Mergulho em mim e de dentro devoro-me, não como um exercício egóico, do *eu*, mas como um dilaceramento do corpo que em encontro consigo, encontra outros corpos: agenciamento do mundo a partir da imersão em si.

É a partir de apontamentos como este que rumino aqui algumas encadeamento para pensar uma (in)definição de *Coreocartógrafo* a partir da proposição de *Coreocartografia familiar* (SILVA, 2019), que se inventa como uma abordagem para pesquisa e criação em dança em minha pesquisa de mestrado acadêmico em Artes pelo programa de Pós-graduação em Artes entre os anos de 2017 e 2019, e tem se alterado e criado outras linhas em minha pesquisa de doutoramento também em Artes pelo mesmo Programa.

Sendo assim, este exercício de fabulação conceitual tem como pretensão fazer apontamentos sobre o papel do *coreocartógrafo* no que venho chamando de experiências familiares na dança. *Fabulações estas que* ganham forças vibráteis a partir dos recentes encontros com as noções de *máquina, máquina desejanete e desejo* (DELEUZE E GUATTARI, 1972), paridas por Gilles Deleuze e Felix Guattari em *O Anti-édipo* (1972) e no encontro com a perspectiva sentimental de Suely Rolnik (2014) quanto a figura devorante do Cartógrafo, que para a mesma, é antes de tudo, um antropófago.

São encontros de forças vibráteis que geram imagens provisórias e formas não estáticas de um não-ser caminhante para minha pesquisa de doutoramento, que segue na intenção de compreender a *Coreocartografia familiar* (SILVA, 2019) como um procedimento para pesquisa e criação em dança que toma como fenômeno de investigação processos poéticos, auto (bio) grafemas, escrituras abertas, criadas e aliadas ao processo de dobra do corpo criador.

De tal modo que, o coreocartógrafo é visto, em forma de borrão, como uma máquina desejanete e aberrante no mundo. Logo, um corpo que encontra na dança um espaço para mergulhar em si e para a compreensão da construção de sua *subjetividade* a partir de agenciamentos de mundos externos e internos, de seus



desejos como processo de produção de um maquinário psicossocial, de uma produção de produção, isto é, processos de relações familiares.

*** O Coreocartógrafo, as relações familiares e a produção de desejo**

Em *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia (1972)*, Gilles Deleuze e Felix Guattari, propõem uma série de críticas à teoria da psicanálise de Sigmund Freud que está centrada na ideia do complexo de Édipo e na triangulação familiar como parte fundante do inconsciente humano.

As principais argumentações dos autores que se manifestam contra as abordagens freudianas, parte da ideia de que o mundo é uma grande maquinação onde tudo é máquina

O que há por toda a parte são, mas é máquinas, e sem qualquer metáfora: máquinas de máquinas, com as suas ligações e conexões. Uma máquina-órgão está ligada a uma máquina-origem: uma emite o fluxo que a outra corta. O seio é uma máquina de produzir leite e a boca uma máquina que se liga com ela. A boca do anorético hesita entre uma máquina de comer, uma máquina de falar, uma máquina de respirar (ataque de asma). É assim que todos somos «bricoleurs}}**, cada um com as suas pequenas máquinas. Uma máquina-órgão para uma máquina- energia, e sempre fluxos e cortes. (DELEUZE E GUATTARI, 1972, p. 7)

Sendo assim, tudo está sempre em movimento, interligado e conectado: máquinas externas as máquinas internas ao corpo, que por sua vez também é uma máquina. Logo, se tudo é máquina (o sujeito, seus órgãos, a natureza, etc.) e tudo produz, o inconsciente também é e também produz.

Para Deleuze e Guattari (1972), o inconsciente funciona como uma máquina que produz desejo, mas diferentemente do desejo como uma falta, como compreendido por Freud, os pensadores apontam o desejo como potência, como causalidade da natureza humana, que move-se sempre em direção a mais conexões e mais agenciamentos. “O desejo faz correr, corre e corta”¹ e capaz de criar constantemente outros fluxos e outras ligações.

Sendo assim, o desejo não quer ser interpretado, e sim ser dilatado e propagado, e nós enquanto máquinas desejanças, organizados dentro de uma máquina social, somos movidos por um inconsciente produtivo.

Em outras palavras, a psicanálise enquadra o desejo na triangulação familiar (pai-mãe-filho), mas a esquizoanálise compreende o desejo por ele mesmo, não se remete a nenhuma lei, a nenhuma instância, de forma que, na medida em que a sociedade acontece, produz-se desejo.

A escolha pela permanência da palavra *familiar*, no termo *Coreocartografia familiar*, então justifica-se pelo dilaceramento do próprio termo e por uma nova

¹ (Deleuze e Guattari, 1972, p. 11)



compreensão de relação familiar. Uma família também é uma máquina e não mais a estrutura fundante do inconsciente e do sujeito. De tal forma, que as relações familiares estão espalhadas e impregnadas nas outras relações de vida e vice-versa.

Porque na verdade [...] não há esferas nem circuitos relativamente independentes: a produção é imediatamente consumo e registo, o consumo e o registo determinam diretamente a produção, mas determinam-na no seio da própria produção. De tal modo que tudo é produção: *produção de produções*, de acções e de reacções; *produções de registos*, de distribuições e de pontos de referência; *produções de consumos*, de volúpias, de angústias e dores. Tudo é produção: os registos são imediatamente consumidos, destruídos, e os consumos diretamente reproduzidos. (DELEUZE E GUATTARI, 1972, p. 09-10)

O que se entende, por tanto, aqui como experiência familiar, em uma lógica maquínica, são as potências e os encontros que produzem desejos em um coreocartógrafo: é no encaixe entre as engrenagens de uma máquina e outra que nascem as pulsões, os batimentos cardíacos que criam linhas e desenham uma coreocartografia familiar, na medida em que a máquina outra que encontro em meu caminho passa a existir em mim em forma de afeto e me proporciona uma reinvenção de mim.

METODOLOGIA

Momentaneamente, neste trabalho, aponto a *Coreocartografia familiar*, como procedimento metodológico para você leitor, possa compreender que esta é a abordagem que me alimenta enquanto estratégia de pesquisa, todavia, é importante ressaltar que não compreendo a mesma como uma metodologia ou um método a seguir, e sim, um uma experiência a se viver, composta por agenciamentos e atravessamentos: um programa de vida.

A *Coreocartografia familiar* (SILVA, 2012), como procedimento poético em processo de dilaceramento conceitual, isto é, em processo de atualização, apresenta algumas perspectivas que diferem das apontadas inicialmente em minha pesquisa de mestrado, todavia destaco alguns apontamentos feitos na *Carta para meu eu curumim*² que ainda muito me alimentam:

Coreocartografia familiar é uma compreensão de que a dança gera sua própria maneira de fazer e pensar pesquisa, por meio de uma trajetória autônoma, subjetiva, aberta, plural, intuitiva e rizomática. Logo, **coreocartografia familiar** é uma compreensão da experiência coreocartográfica como uma experiência familiar, isto é, íntima, semelhante, autobiográfica que não fala apenas dos costumes e tradições de forma

² Minha pesquisa de mestrado “Farinha poética: a coreocartografia familiar de um rito artístico” foi escrita em forma de memorial que se divide em seis cartas, optei por tal modos, pois não me atrai naquele momento os modelos convencionais de registro de pesquisa em Artes e felizmente, o programa de pós-graduação no qual eu atuava, e permaneço, me permite tal digressão



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

superficial em torno de um determinado fenômeno, [...] mas de memórias, desejos, vontades, pulsões, acontecimentos[...] um caminho que lida com os afetos, com a percepção, com a escrita criativa e com a intuição, fato que proporciona ao artista da dança a experiência a partir de si em um uma rede que se cria a partir do corpo, no corpo e para o corpo. Trecho da Carta para meu curumim (SILVA, 2019, p. 11)

Vale ressaltar que, a *Coreocartografia familiar* é fruto de um acasalamento de inspirações da *cartografia* (DELEUZE, 1995) com os *processos de criação* (SALLES, 2006) em *dança contemporânea* (SILVA, 2005) e sua fundamentação parte do princípio de que as criações em dança, que proponho, emergem principalmente das relações familiares deste corpo que dança, relações dadas em rede e constituídas a partir de experiências 'coreocorpográficas' no mundo. O que inclui, além das práticas e estudos teóricos em dança, leituras filosóficas, antropológicas e de obras artistas, tanto da dança quanto de outras linguagens artísticas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

*“Por tanto amor
Por tanta emoção
A vida me fez assim
Doce ou atroz
Manso ou feroz
Eu, caçador de mim”*

Francisco Sergio De Souza Medeiros
e Luis Carlos As

Não há resultados, porque não me convém dar fim a algo que ainda está acontecendo, que está em pleno movimento, todavia, momentaneamente faço algumas considerações.

Dentre elas, a de que o coreocartógrafo, em experiência familiar, é uma máquina desejante, pois produz desejo como pulsão de vida. É nele mesmo máquina que se agencia com outras máquinas externas e internas a si. Nômade que caminha em estado constante de metamorfose, um devorador de si, que ao comer suas entranhas alimentam-se também das partes de outros corpos: pesquisador antropófago.

Sendo assim, cabe a mim, enquanto Coreocartógrafo, em experiência familiar, *dar língua aos afetos que pedem passagem, mergulhado nas intensidades do agora, de meu tempo, atento as linguagens que encontro e aos elementos que posso devorar enquanto possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias.*³

CONCLUSÕES

³ Suely Rolnik (2014), afirma, em *Cartografia sentimental*, que estas ações fazem parte da tarefa de um cartógrafo.



IX FÓRUM BIENAL DE PESQUISA EM ARTE
+ ENCONTRO REGIONAL DA ANPAP
+ JORNADA ARTE EDUCAÇÃO DO PROF-ARTES

**BELÉM
PARÁ
AMAZÔNIA**

A *Coreocartografia familiar* é capaz de criar mundos que se agenciam com outros mundos, a dança que dela nasce (e vice-versa) torna-se então, uma máquina, e neste caso, uma máquina de guerra que produz e é produzida por outras máquinas de guerra, que ao subverter as lógicas da vida pragmática e da concessão adormecida dos prazeres, vibra, acorda, provoca, enfia suas unhas de baixo da pele e rasga a mortalha dos corpos adoentados socialmente. Conseqüentemente, o *Coreocartógrafo* percebe-se parte de um todo, e como um todo, bem como um universo de outros 'todos'. Completo e ao mesmo tempo em construção, devorante de si a partir das relações com outros corpos.

Palavras-Chave: Coreocartógrafo, Coreocartografia familiar, cartografia, dança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SILVA, J. A. **Farinha poética: a coreocartografia familiar de um rito artístico.** Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Pará. Instituto de Ciência das Artes. Programa de pós-graduação em Artes da UFPA: Belém do Pará, 2019.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **O Anti-Édipo: Capitalismo e esquizofrenia.** Lisboa: Assírio e Alvim, 1972.

DELEUZE, G; GATTARI, F. **Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol 1.** Ed. 34. Rio de Janeiro, 1995. (Disponível em <http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-guattari-mil-platos-vol1.pdf> acessado em 10/09/2017)

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo.** 2ª edição, Porto Alegre: editoras da UFRGS, 2014.

SALLES, C. A. **Redes da criação.** 2 ed. Editora horizonte: Vinhedo – SP, 2006.

SILVA, E. R. **Dança e pós-modernidade.** Salvador: EDUFBA, 2005.